

## I

Ninguém me conhecia em Buckton. Clem escolhera a cidade por isso; e, de resto, mesmo que eu tivesse vacilado, não me restava gasolina suficiente para continuar em direcção ao Norte. Apenas cinco litros. Além do meu dólar, a carta de Clem era tudo o que eu possuía. Da minha mala é melhor nem falar. Para aquilo que ela tinha dentro... Mas ia-me esquecendo: tinha no porta-bagagem o pequeno revólver do miúdo, um miserável 6,35 barato; ele ainda o tinha no bolso quando o xerife veio dizer-nos que levássemos o corpo para casa para o enterrarmos. Devo dizer que contava mais com a carta de Clem do que com qualquer outra coisa. Aquilo devia resultar, tinha que resultar. Olhava para as minhas mãos sobre o volante, para os dedos, para as unhas. De facto ninguém teria nada a dizer. Por aí não haveria qualquer risco. Talvez me safasse...

O meu irmão Tom conhecera Clem na universidade. Clem não se comportava com ele como os outros estudantes. Falava-lhe de bom grado; bebiam juntos, saíam juntos no *Caddy* de Clem. Devia-se a Clem o facto de Tom ser tolerado. Quando Clem partiu para substituir o pai na direcção da fábrica, Tom foi forçado a pensar em partir também. Voltou para junto de nós. Aprendera

muito e não teve dificuldade em obter a nomeação como professor da nova escola. E depois, a história do miúdo deitava tudo a perder. Eu era suficientemente hipócrita para não dizer nada, mas o miúdo não. Não via mal nenhum nisso. O pai e o irmão da rapariga trataram-lhe da saúde.

Daí a carta do meu irmão a Clem. Eu não podia continuar nesta terra e ele pedia a Clem que me arranjasse alguma coisa. Não demasiado longe, para que ele pudesse ir ver-me de vez em quando, mas suficientemente longe para que ninguém me conhecesse. Pensava que com o meu aspecto e o meu carácter não corríamos risco absolutamente nenhum. Talvez tivesse razão, mas ainda assim eu lembrava-me do miúdo.

Gerente de livraria em Buckton; era este o meu novo emprego. Tinha que entrar em contacto com o antigo gerente e pôr-me ao corrente do serviço em três dias. Ele estava a mudar de gerência, subia de categoria e queria fazer um certo alarde.

Fazia sol. A rua chamava-se agora Pearl-Harbour Street. Talvez Clem não o soubesse. Na placa ainda podia ler-se o nome antigo. No n.º 270 vi a loja e parei o *Nash* diante da porta. O gerente estava a copiar números para uns impressos, sentado atrás da caixa; era um homem de meia-idade, com olhos duros e azuis e cabelo louro pálido, conforme pude ver ao abrir a porta. Dei-lhe os bons dias.

— Bom dia. Que deseja?

— Tenho esta carta para si.

— Ah! É você que eu tenho que pôr ao corrente do serviço. Deixe ver a carta.

Pegou nela, leu-a, virou-a ao contrário e devolveu-ma.

— Isto não tem muito que saber — disse ele. — Está aqui a mercadoria. — Fez um gesto circular. — As contas estarão prontas hoje à noite. Para as vendas, a publi-

cidade e o resto siga as indicações dos inspectores da firma e dos papéis que receber.

— É uma rede?

— Sim. Sucursais.

— Está bem — concordei. — O que é que se vende mais?

— Oh! Romances. Maus romances, mas isso não nos diz respeito. Alguns livros religiosos e livros escolares também. Não muitos livros infantis, e livros sérios tão-pouco. Nunca tentei desenvolver essa área.

— Então, para si, os livros religiosos não são sérios. O homem passou a língua pelos lábios.

— Não ponha na minha boca o que eu não disse.

Ri-me com vontade.

— Não me leve a mal, eu também não acredito muito nisso.

— Pois bem, vou dar-lhe um conselho. Não o dê a entender às pessoas e vá ouvir o pastor ao domingo porque, caso contrário, não tardarão a pô-lo de lado.

— Pronto, está bem — disse eu. — Hei-de ir ouvir o pastor.

— Tome — disse ele estendendo-me uma folha. Veja isto. É a contabilidade do mês passado. É muito simples. Recebemos todos os livros da sede. Basta anotar as entradas e as saídas em triplicado. Eles vêm buscar o dinheiro de quinze em quinze dias. Você é pago por cheque, com uma pequena percentagem.

— Deixe-me ver isso — pedi eu.

Peguei na folha e sentei-me num balcão baixo, atravancado de livros tirados das prateleiras pelos clientes, e que ele provavelmente ainda não tivera tempo de arrumar.

— O que é que há para fazer nesta terra? — perguntei-lhe ainda.

— Nada — respondeu ele. — Há as raparigas do *drugstore* ali em frente e *bourbon* no bar do Ricardo, a dois quarteirões daqui.

Apesar dos modos bruscos, o homem não era desagradável.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Cinco anos — respondeu ele. — Tenho que ganhar mais cinco.

— E então?

— Você é curioso.

— A culpa é sua. Porque é que disse mais cinco? Não lhe perguntei nada.

A sua boca suavizou-se um pouco e os olhos enrugaram-se-lhe.

— Tem razão. Pois bem, mais cinco e deixo este trabalho.

— Para fazer o quê?

— Escrever — disse ele. — Escrever *best-sellers*. Só *best-sellers*. Romances históricos, romances em que os negros se deitem com as brancas e não sejam linchados, romances com rapariguinhas puras que conseguirão crescer intactas no meio da corja sórdida dos subúrbios.

Riu-se sarcasticamente.

— *Best-sellers*, pois! E romances extremamente ousados e originais. É fácil ser ousado nesta terra; basta dizer o que toda a gente pode ver se quiser.

— Vai conseguir — disse eu.

— Com certeza que hei-de conseguir. Já tenho seis prontos.

— Nunca tentou publicá-los?

— Não sou amigo nem amiga do editor, e não tenho dinheiro suficiente para empatar nisso.

— E então?

— Então, daqui a cinco anos, hei-de ter dinheiro suficiente.

— Vai conseguir, com certeza — concluí eu.

Durante os dois dias seguintes o trabalho não faltou, apesar da grande simplicidade do funcionamento da

loja. Foi preciso actualizar as listas de encomendas e depois Hansen — era o nome do gerente — deu-me várias dicas sobre os clientes, dos quais alguns vinham regularmente conversar com ele sobre literatura. O que eles sabiam do tema limitava-se ao que podiam aprender com o *Saturday Review* ou na página literária do jornal local que, ainda assim, tinha uma tiragem de sessenta mil exemplares. Por enquanto, eu limitava-me a ouvi-los discutir com Hansen, esforçando-me por fixar-lhes os nomes e recordar-lhes os rostos, pois o que conta muito numa livraria, mais do que noutra estabelecimento, é tratar o cliente pelo nome mal ele põe o pé na loja.

Quanto ao alojamento, tinha chegado a um acordo com Hansen. Eu ficaria com as duas divisões que ele ocupava por cima do *drugstore* do lado oposto da rua. Entretanto tinha-me adiantado uns dólares que me permitiriam ficar três dias no hotel e teve a gentileza de me convidar para partilhar com ele duas das suas três refeições diárias, evitando assim que eu aumentasse a minha dívida para com ele. Era um tipo impecável. Fazia-me pena, por causa daquela história dos *best-sellers*; não se escreve um *best-seller* sem mais nem menos, mesmo tendo dinheiro. Talvez ele tivesse talento. Eu esperava que sim, para bem dele.

No terceiro dia levou-me ao bar do Ricardo para bebermos um copo antes do almoço. Eram dez horas e ele partiria nessa tarde.

Era a nossa última refeição juntos. Depois eu ficaria só diante dos clientes, diante da cidade. Tinha que me aguentar. Para já tinha tido um golpe de sorte ao conhecer Hansen. Com o meu dólar teria podido viver três dias a vender bugigangas, mas assim estava safo. Recomeçava a minha vida com o pé direito.

O bar do Ricardo era o ponto de encontro habitual, limpo, incaracterístico. Cheirava a cebola frita e a